

PMDB e PSDB divididos

Haroldo Hollanda

Diante da perspectiva que se abre de Lula ascender ao segundo turno no lugar de Brizola, o PMDB e o PSDB entraram em pânico, temendo seus dirigentes que ambos os partidos possam sofrer divisões irreparáveis, deixando de existir. As principais lideranças do PMDB, ligadas a Ulysses Guimarães, como Ronan Tito, Renato Archer, Cid Carvalho e Fernando Gasparian, entre outros, passaram a defender o ponto de vista de que, se caracterizada no segundo turno uma disputa entre Collor e Lula, o melhor para o partido será permanecer neutro, não tomando posição oficial a favor de qualquer das candidaturas. Cada um assumiria na próxima rodada da sucessão os compromissos que considerasse mais convenientes a seus interesses locais, como é o caso do ex-prefeito do Recife, Jarbas Vasconcellos, disposto a se engajar com Lula.

No entanto, o grupo Novo PMDB, de centro-esquerda, que tem entre seus integrantes parlamentares como Francisco Pinto, Nelson Wedekin e Hélio Duque, advoga a tese de que chegou a hora de o partido abandonar o muro em que sempre esteve para assumir compromissos bem definidos e claros como organização partidária. Ao ter conhecimento de que o senador Wedekin se inclui entre os que pedem uma reunião para que o partido se defina sobre o segundo turno, o senador Ronan Tito, líder do PMDB, inquieto, se pergunta: "Mas o que está pretendendo o Wedekin? Acabar com o PMDB?". O senador Ronan Tito justifica seu comportamento afirmando que, conhecido o novo Presidente da República e iniciado seu governo, o PMDB deve assumir o papel de partido de oposição. Nessas condições, prevê que o PMDB deve ressurgir nas eleições de 90 como o grande partido nacional.

Se Brizola fosse adversário de Collor no segundo turno, o PMDB se acomodaria, sem traumas, em torno da candidatura do ex-governador do Rio Grande do Sul. Ainda anteontem, numa reunião em Salvador do governador Nilo Coelho com Waldir Pires e integrantes das bancadas federal e estadual do PMDB baiano, isso ficou constatado informalmente. Todo o PMDB baiano estava disposto a marchar unido em torno da candidatura de Brizola no segundo turno. Mas, ocorrendo o contrário, muda por completo o panorama: se Waldir Pires e alguns parlamentares da esquerda do PMDB baiano vão para Lula, o governador Nilo Coelho, os senadores Jutahy Magalhães e Luiz Viana Filho e vários deputados federais tomarão destino oposto. Governadores de esquerda do PMDB, como Miguel Arraes, Max Mauro e Carlos Bezerra, não terão problemas em se compor com o candidato do PT. Mas os demais governadores, inclusive Quércia, relutarão muito antes de ficar com Lula.

Quanto ao PSDB, passa-se dentro do partido fenômeno idêntico ao que está acontecendo no PMDB. Há rumores em Brasília de que o senador Mario Covas estaria propenso a apoiar Lula. Mas, pressões políticas muito fortes se exercem no sentido de tolhê-lo a assim proceder. O grupo situado mais à esquerda do PSDB quer apoiar Lula. Porém, se depender da corrente moderada, formada por Richa, Fernando Henrique e José Serra, os "tucanos" ou se definiriam por Collor ou então permaneceriam neutros e equidistantes em face do segundo turno. O deputado Gasparian diz que se Covas for para Lula, ele decepcionará o eleitorado de classe média que o sufragou nas urnas.